

Um futuro hoje!

Miguel Bandeira Duarte



"Descanso para a fuga do Egipto", Escola Italiana, séc. XVIII (pormenor).

Decorria o ano de 2003 quando Carolina Leite, diretora do Museu Nogueira da Silva, contactou a Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (UM) no sentido de reformular a imagem gráfica do museu, em particular o logotipo. Como designer gráfico de formação, reconhecendo como pesada a sucessão à marca de Nuno Barreto no cunho anterior, entendi tomar este desafio em mãos. A liberdade criativa que me foi dada tornou difícil a tarefa de conceção. Na época, a normalização da imagem identitária da UM, encontrando-se em

* Diretor do Museu Nogueira da Silva.

processo, ainda não era conhecida. Distanciando-me, tanto quanto possível, da pesada heráldica, propus, entre outras, a configuração que hoje se conhece. A forma que domina o logotipo foi desenvolvida segundo dois pressupostos. Em primeiro lugar o de propor uma configuração distinta direcionada para um olhar diferente, abstrata mas com substância tridimensional que entregasse materialidade, um corpo. Em segundo lugar que essa proposta fosse produzida com auxílio de um *software* que permitisse dominar uma forma complexa, jogar com a sua animação e testar com facilidade pequenas variações. Afastando-me do regime de isolamento de um elemento decorativo e marcante da arquitetura do edifício ou de uma obra em exposição, o processo de concepção da imagem partiu de um quadro que seria torcido e desviado de uma leitura elementar. Neste pressuposto criativo, a arte encontra-se quando se observam os seus objetos de maneira diferente, numa abertura perceptiva, sensível à experiência e enriquecedora para o intelecto. Desde então fui acompanhando o museu noutras realizações gráficas, querendo o destino, a anterior direção de Carlos Corais e o Conselho Cultural que me encontrasse hoje na função de diretor da unidade cultural. Recebi, 13 anos depois, o que tinha criado como uma proposta para o futuro, vivo aquilo que foi o futuro, hoje!

Trato deste assunto -do futuro- pensando que ele existe no esclarecimento da minha experiência quotidiana. Portanto, escrevo com a necessidade de conhecer a ação que, presentemente, se estende à relação com os objetos da coleção, com os funcionários do museu, com o público, com a instituição, com a programação, a investigação, a preservação e a comunicação das coleções. Desde o início da minha função como diretor que me questiono sobre a política cultural da UM, o que é a afirmação de um programa, o que pode entender-se diretamente ou nas entrelinhas de um conjunto de ações mais ou menos mediatizadas. No fundo a questão reverte para o entendimento de como me situo como indivíduo com responsabilidade direta na implementação e promoção de um desígnio cultural coletivo.

O MNS é uma unidade cultural forte, no sentido em que a presença física dos objetos que integra permite não só a contemplação como um certo entendimento de princípio e fim, uma determinação. O visitante tem a percepção de um conjunto de artefactos que enquadram a dimensão humana, tanto do Senhor

António Nogueira da Silva como, aceitando o seu extraordinário legado, da Universidade do Minho. Assim, que significado pode ter para a comunidade, não só a académica, que a UM seja proprietária deste espólio? O que significa para a UM possuir uma coleção com esta singularidade? Como, pela coleção e pelas atividades associadas, se pode inspirar o desenvolvimento cultural da comunidade, agregando a consciência de uma identidade? Estas são algumas perguntas que conduzem a uma outra mais geral sobre o valor cultural do Museu, a partir de diversos pontos de vista. Um valor que segundo o Research Center for Museums and Galleries (University of Leicester) se relaciona com o seu potencial de inspiração, identidade e aprendizagem¹.

Antes de observar algumas questões sobre o debate contemporâneo em torno do futuro dos museus, relembro a atenção que Peter Drucker dedicou ao museu de arte universitário num dos seus artigos exemplares. Em *The University Art Museum: Defining Purpose and Mission* (1977)², Drucker apresenta um caso ficcionado relacionado com o conflito entre a direção de um museu e a direção da instituição universitária que o tutela, procurando expor alguns problemas derivados da indefinição em torno da missão do museu. O caso é apresentado enfatizando duas relações distintas da instituição museológica com o seu público. Uma na qual a instituição deve voltar-se para a sua comunidade interna, servindo essencialmente um público universitário; outra que procura a mediação e a popularização das suas atividades para alcançar um público mais diversificado e externo à universidade. Uma nota interessante é o facto de, na revisão do artigo realizada em 2008³, o autor ter alterado as datas dos factos, atualizando-as, o que demonstra que a questão não é sincrónica e se mantém como uma problemática. No caso do MNS, verificando-se que maioritariamente tem vindo a servir um público externo à universidade, tal não se deve a uma política de eventos populistas. Verifica-se que o usufruto possível dos objetos do museu como material de estudo tem escapado à investigação quer dos docentes quer dos estudantes, tanto nos ciclos básicos como em estudos mais avançados. As coleções são muito pontualmente utilizadas como exemplo na caracterização das épocas históricas e da sua substância estética. A relação da comunidade académica com o museu pauta-se mais pela sua procura para a realização de eventos, bem enquadrados pela riqueza dos conteúdos das salas, do que pelo estudo dos objetos que surpreendem com regularidade os

especialistas externos. Para o reconhecimento exterior contribuem também a excelência das exposições temporárias e a programação musical regular que tornam o museu uma referência a norte na divulgação da música e da arte contemporânea. Esta relação menos forte com o público universitário não se deve a uma política que impeça ou dificulte a sua relação com o museu, mas a um seu desconhecimento voluntário pelos membros da comunidade académica. No entanto, se de alguma forma existe um desequilíbrio entre os públicos (interno/externo) pode dever-se ainda a assuntos de execução diretiva, requerendo um melhor entendimento dos usos que hoje se fazem dos museus. Assim, e de volta à questão inicial, o futuro afirmará este interesse que é tornar-se objeto de investigação e de conhecimento relativamente à comunidade académica e à sociedade que a enquadra.

Quanto ao futuro dos museus, parece interessar à discussão pública a ideia do museu do futuro tratando-se de uma visão naturalmente mais positiva. Certo é que alguns tópicos merecem a nossa atenção, para que a noção de museu tenha futuro. Na sequência da conferência *Future of Museums*, realizada na University College London em 2014, o *Manifesto for the Future of Museums*⁴ é extremamente preciso no elenco das dificuldades que os museus hoje enfrentam, apontando algumas vias a partir das quais algumas mudanças podem ser operadas. O primeiro ponto do manifesto relaciona-se com as equipas pela necessidade de aproximar os novos talentos e a inovação, integrando-os na programação da ações. A natureza tutelar do MNS torna-o distinto da maioria dos museus públicos ou privados. Porém, é com alguma apreensão que se pondera o futuro a partir de um conjunto de funcionários com uma média etária de 52 anos, enquadrados por uma oferta fraca para melhoria de qualificações, dificuldades no seu financiamento ou na dispensa laboral para a sua frequência. No entanto, um futuro próximo está garantido por uma equipa experiente, empenhada, sensível às mudanças e aberta a novos desafios.

Estes desafios propõem também que o museu não se limite ao seu espaço físico e que se expanda não só às redes sociais, através de conteúdo virtual, como a outros espaços e vivências do quotidiano, prolongando a experiência da instituição para fora de portas. A plataforma digital deve rivalizar com a presença efetiva no espaço, no sentido de aumentar o diálogo com a coleção permanente pela riqueza e diversidade dos seus conteúdos. Nesta aposta,

através da qual se reforça a identidade e a comunicação, será possível alcançar público entre a comunidade acadêmica, cujo desajustamento vivencial impede uma experiência mais rica na presença dos objetos. Neste contexto deve olhar-se para a informação interna de apoio ao visitante, aumentando a qualidade e melhorando a acessibilidade aos conteúdos. Apesar da recente aposta em tecnologia de comunicação, para acompanhar os visitantes, não é invulgar que estes se detenham em visitas mais prolongadas, em conversa com o assistente da visita. O diálogo que se estabelece contribui para o aumento dos níveis de interação e de qualidade da experiência, demonstrando que a presença das tecnologias não dispensa a relação mais calorosa com o assistente. Neste sentido, deve retomar-se o estudo das coleções, tornar públicos os seus resultados e integrar os seus conteúdos nas visitas, propondo outros ritmos ou modos de sentir o museu. Será de esperar que este conjunto de boas práticas venha a facilitar a angariação de fundos que permitam o financiamento de estudos, a realização de eventos e a conservação dos objetos da coleção. Que o conhecimento sobre a dimensão filantrópica e mecenática de A. Nogueira da Silva possa constituir uma inspiração.

Devo evidenciar que algumas notas sobre práticas que diretores, curadores, artistas, funcionários e visitantes apontam sobre o museu do e no futuro, são observáveis hoje no MNS através de práticas diligentes na direção e gestão do espaço e pelo apoio da reitoria e da administração da UM. Destaco a abertura aos artistas para, em exposições temporárias, realizarem um diálogo com a exposição permanente, através de mostras que implicam uma reorganização dos percursos expositivos e, naturalmente, a criação de novas experiências no mesmo espaço. Saliento a possibilidade de se realizarem de residências artísticas que permitem um contacto mais direto do artista, tanto com a equipa do museu como com os visitantes. Ainda, a criação de conteúdos como entrevistas e experiências educativas específicas que valorizam a expressão artística e a sua fruição. Um destaque também para a abertura a curadorias externas, para a colaboração próxima com museus, associações e entidades de gestão cultural municipais.

A pequena dimensão do MNS, também uma das solicitações para o futuro face ao crescente de *starchitecture museums*, é fundamental para a capacidade

de adaptação a necessidades que a pressão social cultural vem exigindo aos espaços desta natureza. É necessário que o museu possa ser usufruído com naturalidade, com o mínimo de constrangimentos, de modo a representar um lugar onde se adquirem experiências intensas. Os próximos anos devem trazer ao visitante novas visões sobre o acervo, tanto do legado, como dos depósitos na fototeca, sobre a obra de Mário David, de Maria Ondina Braga ou de Maria Esmeralda Mendes. Será importante que a unidade cultural seja considerada como um centro que apoia uma comunidade criativa, um parceiro na concepção e na facilitação do desenvolvimento de projetos criativos, envolvendo a comunidade e diminuindo o isolamento social. Procurar, na essência, criar experiências de identidade que se cruzem com o sentido de lugar cultural.

Notas

¹ RCMG – Inspiration, Identity, Learning: The Value of Museums. University of Leicester, 2004 [<https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/rcmg/projects/inspiration-identity-learning-1>].

² DRUCKER, Peter F. – Management Cases. London: Heinemann. 1977.

³ DRUCKER, Peter F. – Management Cases, Revised edition. HarperBusiness, 2008.

⁴ SOUHAMI, Rachel (ed.) – Manifesto for the Future of Museums [<http://www.museumsshowoff.org>].